

## NOSSAS ANCESTRALIDADES SÃO SAGRADAS

Camilo Kayapó; Edson Kayapó

Ser indígena após a invasão portuguesa de 1500 nunca foi fácil para os nossos antepassados, assim como o pertencimento é um desafio para nós atualmente. Viver nos grandes centros urbanos, nas cidades e assumir atividades que inicialmente não fazem parte da vida originária, provoca um estranhamento em nós e nas pessoas não-indígenas em relação a nós.

O racismo, em suas diversas faces, é expresso o tempo todo e de forma contraditória. Os mesmos que defendem a ideia de que os povos indígenas devem adentrar o mundo moderno, desautorizam o pertencimento dos nossos jovens que estão nas universidades utilizando os instrumentos do mundo moderno. Desta vez o discurso afirma que aqueles que fazem um curso superior e usam as tecnologias digitais não são "índios". Sistemáticamente querem condenar os novos povos ao passado e à inferioridade cultural e biológica.

Escrito a quatro mãos, regado por inspirações ancestrais, o texto narra a experiência de um jovem indígena que saiu da floresta e foi vivenciar intensamente o cotidiano na maior cidade do Brasil. No bojo da narrativa são desvelados os racismos, a opressão, os medos e angústias pelas quais a nossa gente passa nos espaços sociais fora de seus locais originários.

Trata-se de um texto que extrapola a tentativa de produzir uma autobiografia. Para além disso, é um grito de socorro dos nossos povos na luta pelo respeito às nossas diversidades sociolinguísticas. É uma lição que pode colaborar na visibilidade dos nossos povos em todos os espaços sociais.

Eis o desabafo:

Nasci no Amapá, em meio a densa floresta, num local situado no extremo norte do país, às margens do grande e majestoso rio Amazonas. Curumim de origem Kayapó com os cabelos pretos e escorridos, conhecido como Tatá, sempre fui repleto de energia, fazendo jus ao apelido referenciado pela grande serpente de fogo, presente nas histórias que me eram contadas pelos mais antigos.

Passei os primeiros anos da minha infância brincando pelas pacatas ruas arborizadas de um bairro na margem do rio Amazonas, junto aos meus primos e outros garotos que moravam naquela região. Nos divertíamos até tarde da noite, brincado de "pira", peteca, corrida de tampinhas, correndo na chuva e nadando nas fartas redes de rios e igarapés do local, sempre observados por meu pai e pelos demais adultos.

Tinha como uma das minhas brincadeiras favoritas subir no topo das maiores árvores para colher frutos, sendo um desafio subir nos galhos mais altos onde somente os pássaros alcançavam. O pé de jambo que havia na frente de casa era uma das minhas árvores favoritas, pois em seu topo proporcionava uma bela vista em direção ao horizonte de céu muito azul das águas turvas do Rio Amazonas.

Nas águas do grande rio, na praia do Aturiá, na Ilha de Santana ou no rio Curiaú, me divertia nadando de uma margem a outra em meio às fortes correntezas, onde buscava árvores próximas da margem para realizar saltos acrobáticos do seu topo para dentro do rio. Junto a meu pai, experiente em andanças nas matas por aquelas bandas (um verdadeiro mateiro), embarcávamos em trilhas na floresta, margeando rios grandes e pequenos, sempre observando e sendo observados por pássaros e outros animais que habitavam aquelas paragens.

As andanças nas longas trilhas eram propícias para a coleta de sementes, das mais variadas cores e formatos, que, mais adiante, seriam usadas para confecção de artesanatos (como colares, brincos e pulseiras), tendo meus tios como mestres da arte originária, experientes artistas da família. Muitas vezes, devido ao alagamento das trilhas, alguns

trechos eram feitos de canoa ou de barco e, nessas ocasiões, era possível observar – e, atentamente eu observava – o movimento dos povos da floresta que ali viviam tranquilamente, em palafitas de madeira que pareciam flutuar em meio as águas escuras e barrentas do Amazonas, que mais parecia um mar de água doce.

Ao final do dia, esgotadas minhas energias com tantas brincadeiras, ia correndo para casa à procura de uma boa boia que, em geral, consistia em peixe assado, acompanhado de açaí fresco (batido na amassadeira) com farinha de tapioca; ou uma grande caldeirada de peixe fresco.

Quando completei sete anos de idade, meu pai, engajado nos estudos e no ativismo na floresta, obteve uma bolsa para estudar em uma das melhores universidades de São Paulo, onde foi pesquisar sobre os conflitos na Amazônia. Com isso, mudamos para a cidade de São Paulo, que mais parecia um gigante rio de carros e prédios.

Apesar da minha pouca idade, logo senti que grandes mudanças estariam por vir. Estávamos embarcando para um novo estilo de vida, completamente diferente daquele que estávamos acostumados na floresta. A chegada na grande selva de pedra foi realmente impactante, um local com poucas árvores e com uma exagerada quantidade de arranha-céus de concreto cinzento e de luzes vermelhas dos carros engarrafados nas ruas. Desde a vista da janelinha daquele avião que viria a pousar no aeroporto de Congonhas, me impressionava aquelas intermináveis filas de automóveis na Marginal Tietê.

Logo nos primeiros dias, em rápidas caminhadas pela cidade, tive uma sensação estranha ao ver aquele céu cinzento e o ar com cheiro desagradável. Pouco se ouvia o canto dos pássaros, pois estes eram constantemente ofuscados pelos ruídos ensurdecadores dos carros, ônibus, metrô e muita gente que circulava para cima e para baixo, parecendo ser invisíveis entre si.

O ar carregado de poluição e a poeira extremamente fina fazia arder minhas narinas, causando-me fortes dores de cabeça e certa dificuldade de respirar. O majestoso rio que deveria cortar a cidade, espalhando vida e beleza de ponta a ponta, deixou de ser majestoso e passou a agonizar na cidade mais evoluída do país. Aliás, à primeira vista, o rio Tietê mais me pareceu um esgoto a céu aberto. O forte cheiro desagradável que permeava os arredores do rio e a grande quantidade de lixo que havia ali me deixavam deprimido, com saudade do grande Amazonas, com o qual eu estava acostumado.

Logo percebi que a gelada selva de pedras não era acolhedora: já era de se esperar, meu pai já havia me orientado sobre a nova realidade que viveríamos. Pouco se via crianças brincando pelas ruas; no dia a dia as pessoas sempre apressadas e ocupadas, quase nunca tinham tempo para dar um bom dia ou mesmo para um sorriso. Pelo contrário, os olhares de reprovação que expressavam os mais diversos sentimentos de incômodo pela minha presença eram constantes.

Na escola, o típico cabelo escorrido de estilo cuia e os artesanatos de semente não eram tão aceitos em meio aos colegas. Eram motivos de chacota, apelidos e outras ações marcadamente racistas, pois neste novo ambiente o normal eram cabelos e formas de expressão padronizados. Perdi as contas de quantas vezes me foi pedido que fizesse a famosa dança da chuva ou que bateram na boca e me pediram para repetir: “mim ser índio”.

O sotaque e o palavreado típico das bandas do Amapá também eram motivos para piadas ofensivas e humilhantes, que, naquela época, muitas vezes, eu sequer conseguia entender os motivos. As artes de palha e semente que eu usava sempre eram vistos e identificados pejorativamente como objetos de macumba, associados a algo relacionado ao demônio, segundo algumas pessoas. Apesar de eu não associar ao racismo as coisas que me eram ditas, eu sentia com clareza a ofensa presente na forma raivosa e sarcástica com que eram expressas, sempre deixando explícita a intenção de humilhar e rebaixar as nossas formas próprias de conceber o mundo.

Com o tempo, passei a sentir certo receio de expor minha origem e busquei de alguma forma me encaixar nos padrões que me eram impostos. Renunciei aos cabelos compridos e aos artesanatos de sementes e penas de pássaros que

tanto gostava. Tentava ao máximo um sotaque paulista, inicialmente forçado, que fui aprimorando ao longo do tempo para agradar às pessoas que usavam o racismo contra meu modo de ser, sendo assim até o término de meus estudos de ensino fundamental e médio.

Meu pai foi para Porto Seguro atuar na formação de professores indígenas, numa Licenciatura Intercultural Indígena. Eu fiquei em São Paulo para continuar os estudos vislumbrando a entrada na universidade naquela cidade. No entanto, ele já havia me ensinado, através do exemplo, a valorizar as nossas tradições originárias e lutar por nossos direitos com as diversas armas e estratégias. Foi um grande desafio na minha vida!

Passados alguns anos, amadureci e adquiri consciência da importância de manter minha ancestralidade. Ingressei na universidade com boas expectativas de encontrar um ambiente menos opressor, porém, pouca coisa mudou, pois o desprezo e o incômodo das pessoas ainda era o mesmo – quando não, pior. Passei a desenvolver algumas táticas para me defender, sem deixar de expor minhas origens ancestrais, em situações nas quais, geralmente, faziam-me sentir humilhado e coagido diante dos discursos raivosos que me eram direcionados.

De início, busquei abordagens diferentes, a fim de conscientizar aqueles que estavam ao meu redor, mas, logo notei que muitos deles não estavam interessados nesse papo de conscientização, pois agiam de forma racista por opção, por pura maldade. Segui minha meta, que é estudar, pesquisar, me fortalecer nas forças dos nossos antepassados e buscar colaborar nas lutas dos nossos povos.

Venho tentando ao máximo aproveitar o ambiente acadêmico e as poucas oportunidades de fala que me são dadas para abordar temas voltados para a temática indígena – como os direitos previstos na constituição outorgada em 1988, a observância e consolidação da Convenção 169 da OIT, especialmente no que se refere ao direitos à demarcação e proteção dos territórios originários – sempre entrando nas brechas para alfinetar os projetos colonizadores e as forças ruralistas que dominam o país, incomodando estudantes e alguns professores totalmente desavisados sobre tais questões.

No quarto semestre do curso de Direito, durante a apresentação de um trabalho voltado para as questões de demarcação de terra do povo Guarani Mbya que vive no Pico do Jaraguá – que vem sofrendo históricas violações de seus direitos, desta vez pela construtora “Tenda” – um dos integrantes da minha turma, usando-se de um discurso de “lugar de fala”, questionou qual era minha propriedade para falar das questões indígenas, uma vez que eu não era índio. Um tanto constrangido com a situação, rebati seu questionamento pedindo para que me definisse, na sua visão, o que era “ser índio”. Ele, então, me disse que “índio de verdade tem cabelos grandes e lisos, andam com rosto pintado e moram em ocas de palha na beira do rio, no meio da floresta, e não na grande cidade”. Na sequência, aquela pessoa me perguntou que tipo de índio eu era, sarcasticamente respondendo a si mesmo que eu era uma espécie de “índio moderno”, que portava um celular no bolso, usufruía do desenvolvimento da grande cidade e que até fazia o curso de Direito num grande centro universitário da cidade de São Paulo.

No calor do momento e diante de tanta violência expressa, fiquei acuado e não tive palavras para rebater novamente. Mas, naquele mesmo dia voltando para casa pensei comigo mesmo: nos obrigam a nos tornarmos aquilo que não somos e tentam, a todo instante, desmontar os nossos pertencimentos originários. Nos forçam a abdicar de nossos hábitos e costumes ancestrais, nos impondo padrões aos quais devemos seguir à risca para que tenhamos um mínimo de aceitação daqueles que não compreendem nossas ancestralidades, e, no final de tudo, esses mesmos colonizadores nos cobram que sejamos exatamente aquilo que nos foi tirado.

A partir dos ensinamentos que tive em casa, com meus pais, senti a necessidade de me envolver nos movimentos sociais, particularmente no movimento indígena. Desta forma, passei a frequentar reuniões e manifestações pelos nossos direitos, estando ativamente em grandes mobilizações na cidade São Paulo nos últimos anos.

A violência que quer nos calar nunca foi efetiva para a realização do projeto de extermínio dos nossos povos. A palavra de ordem é resistência, re-existência, e assim seguimos nas trilhas e pelas luzes deixadas por nossos antepassados, não sem perdas e nem sem negociações e mediações.

Graças aos Espíritos das guerreiras e guerreiros, não abandonamos as nossas tradições e saberes, pelo contrário, quando o mundo colonizador pensa que desistimos dos nossos pertencimentos, ressurgimos como um beija-flor que voa serenamente, ou como um jequitibá repleto de vida sintonizada pela simbiose com outras espécies vegetais e com a presença de dezenas de outras formas de vidas.



Camilo Kayapó, educador social. Graduando em Direito.



Edson Kayapó, pertence ao povo Mebengokré. É ativista do movimento indígena e ambientalista no Brasil.